

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 16

Data: 12/11/88 Pg.: _____



Luiz Carlos Lopes/AE

Perto do rio Paraná, os índios esperam ajuda

Famílias de índios enfrentam abandono

LUIZ CARLOS LOPES

BRASILÂNDIA — Abandono, fome e até denúncias de trabalho semi-escravo. Essa é a situação enfrentada pelos remanescentes dos índios ofaiés-xavantes acampados há mais de um ano às margens do rio Paraná, município de Brasilândia-MS. Eles esperam que a Funai destine terras para poderem sobreviver. Tidos como extintos até 1976, quando foram descobertos pela Agência Estado, os últimos ofaiés vivem da ajuda que recebem de empresas e entidades particulares sensibilizadas com sua miséria.

O grupo, com 43 índios, está subdividido. Às margens do rio Paraná, numa gleba de dois hectares cedida por um fazendeiro, a maioria mora em barracos de lona preta, não tem condições de trabalho e vive na dependência exclusiva de ajuda externa. Duas famílias (16 pessoas) estão morando na fazenda Almeida, também em Brasilândia, em condições subumanas.

Tanto para a índia Malvina, como para sua irmã Aparecida, as condições de trabalho na fazenda são as piores possíveis e os resultados econômicos as transformam em semi-escravas.

Para os ofaiés a única saída está na atuação da Funai, que até agora insiste em ignorá-los. O índio Athaide Francisco Rodrigues, único alfabetizado e líder do grupo, lembra a história de sua tribo — que até o século passado ocupava extensas fai-

xas de terra da margem direita do rio Paraná — para insistir na reivindicação. "A terras que queremos, na verdade já nos pertencem. Fomos expulsos, sofremos muito e até vimos morrer vários de nossos irmãos. Agora queremos e precisamos voltar, pois só assim poderemos sobreviver", afirma.

Na luta pela reconquista da terra, os índios lembram que um técnico da Funai já os visitou e acenou com a possibilidade de a Centrais Energéticas do Estado de São Paulo, Cesp, ser acionada para resolver a questão, pois, construindo a Hidrelétrica de Porto Primavera, vai inundar vastas áreas que no passado pertenceram aos ofaiés.

Até mesmo uma reserva de 3.600 hectares às margens do rio Samambaia, no município de Bataiporã, de acordo com publicação da extinta Gazeta Oficial de Mato Grosso, foi criada em 1924 para a Nação Ofaié.

Outra solução, proposta pelo Conselho Indigenista Missionário, Cimi, através de seu representante em Brasilândia, Carlos Alberto dos Santos Dutra, é o aproveitamento de uma reserva florestal de 10.631 hectares na fazenda Olimpia, para assentamento dos índios. O local, segundo Dutra, já foi declarado pelo Instituto brasileiro de Desenvolvimento Florestal, IBDF, como refúgio de animais nativos e deverá ser usado para a readaptação dos animais que forem retirados da área a ser alagada pela barragem de Porto Primavera.